

Bullying escolar: um fenômeno multifacetado

Marcela Almeida Zequinão^I

Pâmella de Medeiros^{II}

Beatriz Pereira^I

Fernando Luiz Cardoso^{II}

Resumo

O *bullying* escolar pode envolver crianças de diferentes maneiras, fazendo com que essas assumam papéis diferenciados. Dentre estes, têm-se vítimas, agressores e vítimas-agressoras. O objetivo deste estudo foi descrever como ocorre o *bullying* em escolas de alta vulnerabilidade social da Grande Florianópolis e os papéis assumidos pelos alunos nesse fenômeno. Quanto ao método, participaram 409 crianças e adolescentes do terceiro ao quinto ano e da quarta à sexta série do ensino fundamental, de duas escolas públicas municipais, com idades entre 8 e 16 anos ($X=11,14$). Como instrumento, utilizou-se o Questionário de Olweus adaptado à população brasileira. Para a análise dos dados, empregaram-se a estatística descritiva e estatística inferencial por meio dos testes Mann Whitney e Kruskal Wallis. Quanto aos resultados, 29,8% dos meninos e 40,5% das meninas relataram terem sido vítimas; já 32,3% dos meninos e 24,6% das meninas relataram terem sido agressores. As vítimas foram as que se mostraram mais dispostas a ajudar como podem um colega que esteja sofrendo agressão ($X=1,54$; $p>0,001$), mesmo que não o conheçam ($X=1,57$; $p>0,004$). Em contrapartida, os agressores se diferenciaram do grupo que não participa ($X=1,73$) e do grupo das vítimas ($X=2,34$), sendo aqueles que menos se sentiram sozinhos ($X=1,47$; $p>0,001$). Concluiu-se que as informações obtidas neste estudo são indispensáveis na busca de alternativas para redução do *bullying* escolar. O fortalecimento das relações entre escola e alunos, e um maior preparo dos professores e funcionários são extremamente necessários para tentar minimizar os efeitos dos fatores de risco a que essas crianças estão expostas e conseqüentemente a violência na escola.

I- Universidade do Minho, Portugal
Contatos: marcelazequinao@gmail.com;
pamellademedeiros@hotmail.com;
beatriz@ie.uminho.pt

II- Universidade do Estado de Santa Catarina,
SC, Brasil
Contato: fernandocardoso.ph.d.lagesc@gmail.com

Palavras-chave

Bullying – Vulnerabilidade social – Escola.

School bullying: A multifaceted phenomenon

Marcela Almeida Zequinão^I

Pâmella de Medeiros^{II}

Beatriz Pereira^I

Fernando Luiz Cardoso^{II}

Abstract

School bullying can involve children in different ways, making them play different roles, among them, victims, bullies and bully-victims. The aim of this study was to describe how bullying occurs in high social vulnerability schools of Florianópolis metropolitan area and the roles played by students in this phenomenon. Overall, 409 children and adolescents from the 3rd to 5th grades and of two public elementary schools aged 8-16 years ($X = 11.14$) participated in this study. As a tool, the Olweus Questionnaire adapted to the Brazilian population was used. For data analysis, descriptive statistics and inferential statistics were applied by the Mann Whitney and Kruskal Wallis tests. As for results, 29.8% of boys and 40.5% of girls reported being victims; 32.3% of boys and 24.6% of girls reported being bullies. Victims were the most willing to help a colleague who is suffering from bullying ($X = 1.54$; $p > 0.001$), even if they do not know the victims ($X = 1.57$; $p > 0.004$). Bullies are differentiated from the group that does not participate ($X = 1.73$) and the group of victims ($X = 2.34$), being those who felt less alone ($x = 1.47$; $p > 0.001$). It was concluded that the information obtained in this study is indispensable in the search for alternatives to reduce school bullying. The strengthening of relations between school and students and a better preparation of teachers and school staff are extremely necessary to try to minimize the effects of risk factors to which these children are exposed and consequently violence at school.

Keywords

Bullying – Social vulnerability – School.

I- Universidade do Minho, Portugal
Contacts: marcelazequinao@gmail.com;
pamellademedeiros@hotmail.com;
beatriz@ie.uminho.pt

II- Universidade do Estado de Santa Catarina, SC,
Brasil
Contact: fernandocardoso.ph.d.lagesc@gmail.com

Introdução

O *bullying* sempre tem como objetivo ferir e magoar a vítima, ocorrendo principalmente de três maneiras: agressões físicas diretas; agressões verbais diretas; e agressões indiretas (PEREIRA, 2002; SMITH et al., 2008; CRAIG et al., 2009; PUHL; KING, 2013). A agressão física direta engloba ataques abertos à vítima envolvendo ações individuais ou em grupo contra uma única pessoa, através de agressões com tapas, empurrões, pontapés, cuspes, roubos, estragos de objetos e a submissão do outro a atividades servis. A agressão verbal direta envolve ações de insultos em público, incluindo xingamentos, provocações, ameaças, apelidos maldosos, comentários racistas, ofensivos ou humilhantes. E a agressão indireta se dá pelo isolamento e exclusão social dentro do grupo de convivência, dificultando as relações da vítima com os pares ou prejudicando a sua posição social, por meio de boatos, ignorando a presença da vítima ou ameaçando os outros para que não brinquem com a mesma (BJORKQVIST; ÖSTERMAN; KAUKAINEN, 1992; PEREIRA, 2002; MCGRATH, 2007; ANTUNES et al., 2008; PUHL; KING, 2013). Além desses, alguns outros tipos de *bullying* vêm sendo relatados na literatura, como a agressão sexual (CARVALHOSA; LIMA; MATOS, 2001; RUNYON et al., 2006; MCGRATH, 2007; ANTUNES et al., 2008; SANTOS, 2010; ESPELAGE et al., 2013), a extorsão, na qual os agressores exigem dinheiro ou bens através de ameaças, e o *cyberbullying*, que consiste na vitimização ocorrida no espaço virtual (SMITH; ANANIADOU; COWIE, 2003; AGATSTON, KOWALSKI; LIMBER, 2007; CHIBBARO, 2007; MCGRATH, 2007; WOLAK; MITCHELL; FINKELHOR, 2007; ANTUNES et al., 2008; SMITH et al., 2008; WONG et al., 2008; RAIMUNDO; SEIXAS, 2009; TSANG; HUI; LAW, 2011).

O fenômeno *bullying* se diferencia de outras agressões pela persistência e intencionalidade, além de possuir três aspectos marcantes no que diz respeito a sua

caracterização: o ato agressivo não resulta de uma provocação; não é ocasional; e é relevante a desigualdade de poder entre alunos agressores e vítimas (SALMIVALLI, 1996; PEREIRA, 2002; RAIMUNDO; SEIXAS, 2009). Além disso, Rocha, Costa e Neto (2013) também destacam que, para ser considerada *bullying*, a agressão deve ocorrer entre pares e que, apesar do fenômeno ser caracterizado como uma agressão, nem toda a agressão é classificada como *bullying*. Para ser dada como tal, a agressão física ou moral deve apresentar quatro características: intenção do autor em ferir o alvo; repetição da agressão; presença de público espectador; e concordância do alvo com relação à ofensa.

O *bullying* ocorre em contextos interacionais dinâmicos (SALMIVALLI, et al., 1996) e pode envolver as crianças de diferentes maneiras, fazendo com que essas assumam papéis diferenciados em relação à postura adotada perante este fato. Assim, surgem muitos papéis de participação no *bullying* escolar, dentre os quais há as vítimas, os agressores, as vítimas-agressoras e os espectadores. Contudo, cada um desses papéis ainda pode se subdividir em perfis, segundo as características que os tipificam (SALMIVALLI, et al., 1996). Tendo em vista essa grande abrangência, este estudo limitou-se a estudar apenas os agressores, as vítimas e as vítimas-agressoras.

As vítimas geralmente constituem o grupo dos alunos mais novos, têm poucos amigos, são passivos, retraídos, infelizes, pouco sociáveis, inseguros, sofrem com a vergonha, medo, depressão, ansiedade e são desesperançados quanto à possibilidade de adequação ao grupo (SMITH; SHARP, 1994; CARVALHOSA; LIMA; MATOS, 2001). São aqueles que têm piores relações com pares e consomem menos drogas (CARVALHOSA; LIMA; MATOS, 2001). As pessoas com deficiência física e mental (CRUZ; SILVA; ALVES, 2007), com diferentes orientações sexuais e de gênero (LYZNICKI; MCCAFFREE; ROBINOWITZ, 2004; RIVERS, 2004; MÉNDEZ, 2007; MÉNDEZ; CETO, 2007; LEVASSEUR; KELVIN; GROSSKOPF, 2013;

PATRICK ET AL., 2013), com defeitos congênitos ou adquiridos, (LOUIS ET AL., 2005) e com sobrepeso (STRAUSS; POLLACK, 2003) são as principais vítimas do *bullying*. Esses indivíduos que sofreram vitimização na infância, em curto prazo, são mais propensos ao abandono escolar (STONE; HAN, 2005), podem ter dificuldades nas atividades escolares, ficar doentes ou indispostos e ter problemas com o sono (SHARP; THOMPSON, 1992). Em longo prazo, são mais propensos a sofrer de bloqueios psicológicos (LOPES NETO, 2005), e de perturbações mentais na vida adulta (PIEDRA; LAGO; MASSA, 2006), tendem a ter maior dificuldade de se relacionar com os outros, pior autoestima. E – a mais preocupante de todas as consequências do *bullying* – tornam-se mais propensos a cometer suicídio (SMITH; MADSEN, 1996; HENRY ET AL., 2013; LEVASSEUR; KELVIN; GROSSKOPF, 2013; PAN; SPITTAL, 2013; PATRICK ET AL., 2013; PUHL; KING, 2013).

Em contrapartida, o perfil dos agressores constitui-se de algumas características como: maior idade, mais prática de exercício físico (CARVALHOSA; LIMA; MATOS, 2001; PEGUERO, 2008; RAIMUNDO; SEIXAS, 2009), maior consumo de drogas, tabaco e álcool (KING et al., 1996; PEREIRA et al., 2004; GOWER; BOROWSKY, 2013), mais comportamentos violentos, melhor imagem corporal (CARVALHOSA; LIMA; MATOS, 2001), mais extroversão e segurança, confiança em si, ausência de sentimentos de medo, ansiedade ou culpa (OLWEUS, 1978; SMITH; SHARP, 1994), tendência a ter pior relação com os pais (JUNGER, 1990). Muitas vezes são hiperativos, têm dificuldades de atenção, menor inteligência, desempenho escolar deficiente, são os principais responsáveis por levarem armas à escola, são tipicamente populares e veem sua agressividade como qualidade, podendo mostrar-se agressivos inclusive com os adultos (PEREIRA et al., 2004; LOPES NETO, 2005; COSTA; PEREIRA, 2010; REIJNTJES et al., 2013). Esse comportamento agressivo na infância traz como consequências problemas nos relacionamentos afetivos e sociais, dificuldades em respeitar as

leis, menor autocontrole (PEREIRA, 2002) e aumento da probabilidade de se tornarem pessoas mais agressivas ou agressores envolvidos em criminalidade (OLWEUS, 1978; FREIRE; SIMÃO; FERREIRA, 2006).

Embora a literatura já aponte essas características bem definidas para os papéis de agressores e vítimas, no ambiente escolar, torna-se mais complicada a identificação dos envolvidos nesse tipo de comportamento, principalmente pela presença dos indivíduos que são vítimas-agressoras. Nesses casos, a mesma criança ou adolescente pode assumir ambos os papéis em diferentes situações (SANTOS, 2010). Aproximadamente 10% dos alunos têm um duplo envolvimento, ora como agressores, ora como vítimas (RAIMUNDO; SEIXAS, 2009) e é esse o grupo no qual se encontram maiores fatores de risco, os quais têm um efeito não apenas aditivo, mas multiplicativo (SPENCE; MATOS, 2000), com níveis mais elevados de envolvimento em comportamentos violentos fora da escola, de uso de substâncias ilícitas, de relatos de depressão, ansiedade, sintomas físicos e psicológicos e com os piores resultados em avaliações de ajustamento psicossocial (CARVALHOSA; LIMA; MATOS, 2001; SEALS; YOUNG, 2003; CARLYLE; STEINMAN, 2007).

Contudo, em qualquer esfera de participação no *bullying*, essas atitudes de abuso de poder podem acarretar problemas graves no desenvolvimento dessas crianças e adolescentes (OBRDALJ et al., 2013), que se refletirão até mesmo na vida adulta. Tornam-se extremamente necessárias maiores investigações sobre como esse fenômeno acontece e quais os perfis dos participantes do *bullying* escolar, principalmente em comunidades de risco (LEWIS et al., 2013), nas quais crianças e adolescentes estão em contato direto com formas violentas de resolver conflitos. Sabe-se que a probabilidade de envolvimento nesse tipo de comportamento cresce consideravelmente quando aumentam os fatores de risco que afetam as crianças e adolescentes (SPENCE; MATOS, 2000).

Já foram apontados na literatura alguns fatores de vulnerabilidade social que

podem favorecer o envolvimento no *bullying* escolar. Dentre eles, destacam-se: escolas com excessivo número de alunos (CODO, 2006); desempenho escolar deficiente e altos índices de reprovação (HOLT, FINKELHOR; KANTOR, 2007; MATOS et al., 2009); consumo de tabaco e álcool (CARVALHOSA; LIMA; MATOS, 2001); fraca ligação com a escola (MATOS et al., 2009); locais inseguros e pouco supervisionados (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003); formação deficiente de professores e funcionários no que tange ao conteúdo ministrado e às habilidades em lidar com os alunos e à estrutura do próprio trabalho (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003; SCHERECK; MILLER; GIBSON, 2003); alta rotatividade de professores (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003); violência fora da escola (CARVALHOSA; LIMA; MATOS, 2001); falta de limites e desarmonia dos lares (SANTOS, 2010); pobre envolvimento afetivo com os pais ou ausência de um dos pais ou ambos (SANTOS, 2010; SENRA; LOURENÇO; PEREIRA, 2011); baixa escolaridade dos pais (ANALITIS et al., 2009; PERREN; STADELMANN; KLITZING, 2009); desemprego do pai e inatividade econômica da mãe (MAGKLARA et al., 2012); violência doméstica ou interparental (SENRA; LOURENÇO; PEREIRA, 2011); relações de desigualdade e baixo nível socioeconômico (ANALITIS et al., 2009; SENRA; LOURENÇO; PEREIRA, 2011).

Assim, é importante ressaltar que essa violência identificada no ambiente escolar não está restrita aos muros da escola (CUNHA; WEBER, 2010), sendo o *bullying* considerado por Salmivalli e Voeten (2004) um fenômeno social. Dessa forma, o *bullying* não pode ser compreendido fora da dinâmica da sociedade, uma vez que esse fenômeno está atrelado a fatores políticos, econômicos e culturais, não podendo, então, ser dissociado do contexto social, urbano, relacional e familiar no qual as crianças e adolescentes estão inseridos (SALMIVALLI et al., 1998; SILVA; PEREIRA, 2008). Os diferentes tipos de participação assumidos perante o *bullying* são gerados de acordo com os papéis sociais, as práticas e experiências do sujeito (SALMIVALLI, 1998; ALMEIDA, LISBOA; CAURCEL, 2007;

LOPES NETO, 2005), ou seja, estão diretamente relacionados ao que podemos chamar de identidade do indivíduo.

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo descrever como ocorre o *bullying* em escolas de alta vulnerabilidade social da Grande Florianópolis e os papéis assumidos pelos alunos nesse fenômeno.

Método

Esta pesquisa faz parte de um projeto aprovado junto ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) sob processo 5439/2011, no expediente 75/2011. Trata-se de uma pesquisa de campo com desenho de estudo transversal, de cunho quantitativo, não probabilística, realizada em duas escolas da Grande Florianópolis, SC, escolhidas por conveniência, para que os sujeitos da pesquisa atendessem ao perfil de alta vulnerabilidade social proposto pelo estudo.

Participaram deste estudo 409 crianças e adolescentes do 3º ao 5º ano e da 4ª a 6ª série do ensino fundamental¹, de ambos os sexos, com idades entre 8 e 16 anos (média de idade de 11,14 anos), de duas escolas públicas municipais da Grande Florianópolis. Utilizou-se o Questionário de Olweus adaptado à população brasileira (OLIVEIRA; BARBOSA, 2012), constituído de quatro blocos de perguntas: o bloco 1, que consiste de quinze questões referentes aos dados sócioeconômicos; o bloco 2, que tem treze questões sobre as situações em que as crianças são vítimas de algum tipo de agressão vinda dos colegas; o bloco 3, que traz quatro questões sobre a identificação de comportamentos de agressão na escola; e por fim, o bloco 4 consiste de dez questões sobre amizade e a percepção das crianças em relação ao recreio escolar. De

1- Este estudo é consequência de um projeto maior, no qual diversos instrumentos foram utilizados. Assim, a escolha por esse nível de ensino deu-se em função das idades ou séries/anos escolares propostas pelos instrumentos. Além disso, a presença dos termos *séries* e *anos* para a determinação do nível escolar é consequência do processo de transição pelo qual as escolas brasileiras ainda estão passando. Sendo assim, ambas as escolas ainda possuíam turmas em currículos diferentes.

modo geral, as questões eram de múltipla escolha, como, por exemplo, na pergunta “Quantas vezes algum(a) aluno(a) da escola fez algo de mal a você nos últimos três meses de aula?”, na qual as respostas poderiam ser: (1) Nenhuma vez; (2) Uma ou duas vezes; (3) Três ou quatro vezes; (4) Cinco ou mais vezes. Com as informações obtidas por meio daqueles que responderam que foram vítimas ou agressores três ou mais vezes, criou-se uma variável classificando os alunos em quatro categorias de participação no *bullying*: “não participa” (indivíduos que não se envolveram em nenhuma situação de vitimização ou agressão); “vítima” (indivíduos que se consideravam vítimas em três ou mais situações); “agressor” (indivíduos que se consideravam agressores em três ou mais situações); e “vítima-agressora” (indivíduos que se consideravam vítimas e agressores em mais de três situações).

Tabela 1- Ser vítima de agressão na escola

SER VÍTIMA DE AGRESSÃO	MENINOS		MENINAS		χ^2	P
	N	%	N	%		
Nenhuma vez	139	70,2	116	59,5	5,004	0,171
Uma ou duas vezes	22	11,1	30	15,4		
Três ou quatro vezes	12	6,1	17	8,7		
Cinco ou mais vezes	25	12,6	32	16,4		
Total	198	100%	195	100%		

*N: número de participantes; % frequência; p: nível de significância ≤ 0.05 ; χ^2 : Teste do qui-quadrado.
Fonte: Dados da pesquisa.

Quando questionados sobre a forma como os alunos têm sofrido alguma violência, verificou-se que, em ambos os sexos, os maiores relatos foram de agressões verbais, enquanto as meninas tiveram

Realizou-se a estatística descritiva e estatística inferencial por meio dos testes Qui-quadrado, para verificar a associação entre as variáveis, e One-Way Anova, para comparação das variâncias entre grupos, com Post Hoc de Duncan. Os dados da pesquisa foram tabulados e analisados no programa SPSS versão 20.0 e para todos os testes foi adotado um intervalo de confiança de 95% ($p < 0,05$).

Resultados

Foi perguntado aos participantes se eles já haviam sofrido algum tipo de agressão na escola. Verificou-se que 29,8% dos meninos e 40,5% das meninas relataram terem sido vítimas de violência na escola pelo menos uma vez (Tabela 1).

maiores relatos nas agressões indiretas. Vale destacar também a baixa prevalência de *cyberbullying*, o que era esperado em função das condições sociais desses participantes (Tabela 2).

Tabela 2- De que forma o *bullying* ocorre para as vítimas de ambos os sexos

De que forma isso (<i>bullying</i>) tem ocorrido?	MENINOS (198)		MENINAS (195)		χ^2	P
	N	%	N	%		
Nenhum aluno fez algo de mal pra mim	140	70,7	116	59,5	5,446	0,020
Bateram em mim, deram murros, socos e/ou chutes	34	17,2	29	14,9	0,386	0,534
Colocaram-me apelidos ou nomes de que não gostei	43	21,7	66	33,8	7,211	0,007
Falaram sobre mim escondido	27	13,6	53	27,2	11,115	0,001
Pararam de conversar comigo	11	5,6	38	19,5	17,472	0,001
Espalharam mensagens através da internet ou telefone para me prejudicar	3	1,5	2	1,0	0,187	0,665
Ofenderam-me por causa da minha cor/raça	10	5,1	17	8,7	2,027	0,155
Outros	28	13,5	17	8,7		

*N: número de participantes; % frequência; p: nível de significância ≤ 0.05 ; χ^2 : Teste do qui-quadrado.
Fonte: Dados da pesquisa.

Questionou-se também em quais lugares da escola, ou situações, ocorriam essas agressões. Tanto para os meninos quanto para as meninas, o *bullying* mais frequente se deu nas

salas de aulas, seguidas pelos locais de recreio e os espaços para Educação Física. Entretanto, as meninas relataram maiores ocorrências em sala de aula em relação aos meninos (Tabela 3).

Tabela 3- Locais ou situações em que ocorre o *bullying* escolar para ambos os sexos

Em que lugar/situações essas agressões acontecem?	MENINOS (198)		MENINAS (195)		χ^2	P
	N	%	N	%		
Nos corredores e/ou nas escadas	4	2,0	3	1,5	0,130	0,718
No recreio	31	15,7	36	18,5	0,547	0,460
Nas salas de aulas	32	16,2	55	28,2	8,267	0,004
No refeitório e/ou na cantina	5	2,5	3	1,5	0,480	0,489
No banheiro	0	0,0	1	0,5	1,018	0,313
Atrás da escola	4	2,0	2	1,0	0,697	0,404
Na Educação Física	19	9,2	13	15,4	0,697	0,404
Saída	14	6,8	10	5,0	0,280	0,868

*N: número de participantes; % frequência; p: nível de significância ≤ 0.05 ; χ^2 : Teste do qui-quadrado.
Fonte: Dados da pesquisa.

Aqueles que sofreram algum tipo de violência relataram que, em sua maior parte, os agressores são da própria sala, e de modo geral são mais velhos que as vítimas. Contudo, foi frequente a participação de mais de um

aluno, podendo ser de mais de uma turma e de diversas idades e de ambos os sexos. Porém, a maior prevalência de agressores foi para os meninos, segundo as informações das vítimas (Tabela 4).

Tabela 4- Turma dos alunos que cometem agressões segundo informações das vítimas

De que turma são os(as) alunos(as) que têm feito mal a você?	MENINOS		MENINAS	
	N	%	N	%
Nenhum aluno fez algo de mal pra mim	139	70,2	116	59,5
São da minha turma	30	15,2	49	25,1
São de outra turma	17	8,6	9	4,6
São da minha turma e de outra turma	12	6,0	21	10,8
Total	198	100%	195	100%
De que idade são os(as) alunos(as) que têm feito mal a você?	MENINOS		MENINAS	
	N	%	N	%
Nenhum aluno fez algo de mal para mim	139	70,9	116	59,8
São da minha idade	14	7,2	22	11,4
São mais velhos(as)	22	11,3	25	12,9
São mais novos(as)	11	5,6	9	4,6
São da minha idade e mais velhos(as)	4	2,0	10	5,2
São da minha idade e mais novos(as)	1	0,5	2	1,0
São mais velhos(as) e mais novos(as)	4	2,0	7	3,6
São da minha idade, mais velhos(as) e mais novos(as)	1	0,5	3	1,5
Total	196	100%	194	100%

*N: número de participantes; % frequência.
Fonte: Dados da pesquisa.

Sobre contar a alguém que foi agredido, os alunos indicaram em maior número que os pais ou responsáveis são os mais procurados para esse desabafo, seguidos pelo professor(a) ou diretor(a). Contudo, vale ressaltar que 10,1% dos meninos e 6,7% das meninas não contam a ninguém sobre esse tipo de violência. Além disso, os alunos também relataram sobre os colegas os terem defendido nessas situações. Verificou-se que, nesse aspecto, as meninas

continuaram tendo maior suporte social em relação aos meninos, sendo que 13,8% dos meninos e 8,8% das meninas não tiveram ninguém que os defendesse. Contudo, quando questionados sobre qual atitude tomavam ao verem algum colega da mesma idade sofrendo algum tipo de agressão, os meninos (37,0%) foram mais indiferentes do que as meninas (34,4%), alegando que nada faziam nessas situações (Tabela 5).

Tabela 5- Pessoas procuradas pelas vítimas para contar sobre a violência sofrida na escola

Você contou a alguém que alunos(as) fizeram algum mal a você na escola?	MENINOS (198)		MENINAS (202)		χ^2	p
	N	%	N	%		
Não disse a ninguém	20	10,1	13	6,7	1,506	0,220
Disse a um(a) ou dois(duas) amigos(as)	6	3,0	7	3,6	0,096	0,757
Disse aos meus(minhas) amigos(as)	0	0,0	4	2,1	4,103	0,430
Disse ao professor(a) ou diretor(a)	18	9,1	13	6,7	0,795	0,373
Disse ao meu pai/mãe ou ao responsável por mim	22	11,1	49	25,1	13,040	0,001

O que você faz quando vê alguém fazendo mal a algum aluno(a)?	MENINOS (198)		MENINAS (202)		χ^2	p
	N	%	N	%		
Nada, pois não é comigo	41	20,8	38	19,5	0,107	0,744
Nada, mas acho que deveria ajudar	32	16,2	29	14,9	0,140	0,708
Tento ajudar como posso	71	36,0	74	37,9	0,153	0,696
Ajudo só se for meu(minha) amigo(a)	51	25,9	48	24,6	0,084	0,772
Ajudo mesmo que não conheça a pessoa	72	36,5	78	40,0	0,494	0,482

*N: número de participantes; % frequência; p: nível de significância $\leq 0,05$; χ^2 : Teste do qui-quadrado.

Fonte: Dados da pesquisa.

Sobre a experiência de ter cometido alguma agressão contra os colegas, os meninos relataram maior participação, com 32,3% tendo agredido pelo menos uma vez, contra 24,6% das meninas (Tabela 6).

Os meninos também foram os que mais relataram já terem desrespeitado os professores (24,7%) e funcionários (3,5%) pelo menos uma vez quando comparados às meninas (15,4% e 2,5% respectivamente). Contudo, vale destacar que os professores foram mais vezes desrespeitados do que os funcionários (Tabela 7).

Quanto à participação dos professores e funcionários nas questões de violência na escola, segundo a percepção dos alunos,

verificou-se que, tanto para os meninos quanto para as meninas, os professores entrevistaram mais vezes do que os funcionários em situações de agressões. Entretanto, destaca-se que 42,9% dos meninos e 51,3% das meninas relataram que os professores nunca ou quase nunca fazem nada para impedir que um aluno faça mal ao outro, bem como 62,1% e 64,1% respectivamente afirmam o mesmo sobre os funcionários (Tabela 8).

Encontrou-se uma grande diferença entre os sexos sobre já ter ficado sozinho na escola, sendo que 36,4% dos meninos e 61,5% das meninas relataram já terem se sentidos sozinhos pelo menos uma vez. Os alunos

também foram questionados sobre os recreios escolares. Aproximadamente 33,0% de ambos

os sexos afirmaram odiar, não gostar ou gostar mais ou menos dos recreios (Tabelas 9 e 10).

Tabela 6- Ser agressor na escola

SER AGRESSOR	MENINOS		MENINAS		χ^2	p
	N	%	N	%		
Nenhuma vez	134	67,7	147	75,4	5,301	0,151
Uma ou duas vezes	35	17,7	26	13,3		
Três ou quatro vezes	12	6,1	14	7,2		
Cinco ou mais vezes	17	8,5	8	4,1		
Total	198	100%	195	100%		

*N: número de participantes; % frequência; p: nível de significância ≤ 0.05 ; χ^2 : Teste do qui-quadrado.

Tabela 7- Número de vezes em que os alunos desrespeitaram os professores e funcionários da escola

VARIÁVEL	MENINOS		MENINAS	
	N	%	N	%
Alguma vez você faltou com respeito a um(a) professor(a) ou fez mal a ele(a)?				
Nenhuma vez	149	75,3	165	84,6
Uma ou duas vezes	35	17,7	18	9,2
Três ou quatro vezes	9	4,5	7	3,6
Cinco ou mais vezes	5	2,5	5	2,6
Total	198	100%	195	100%
Alguma vez você faltou com respeito a um(a) funcionário(a) ou fez mal a ele(a)?				
Nenhuma vez	191	96,5	190	97,5
Uma ou duas vezes	4	2,0	3	1,5
Três ou quatro vezes	1	0,5	0	0,0
Cinco ou mais vezes	5	2,5	2	1,0
Total	198	100%	195	100%

*N: número de participantes; % frequência.

Tabela 8- Número de vezes em que os professores e funcionários intervieram em alguma agressão segundo a percepção dos alunos

VARIÁVEL	MENINOS		MENINAS	
	N	%	N	%
Quantas vezes os(as) professores(as) fizeram alguma coisa para que os alunos(as) parassem de fazer mal aos outros?				
Não sei responder	3	1,5	2	1,0
Nunca	30	15,1	41	21,0
Quase nunca	55	27,8	59	30,3
Às vezes	55	27,8	50	25,6
Muitas vezes	55	27,8	43	22,1
Total	198	100%	195	100%
Quantas vezes os(as) funcionários(as) fizeram alguma coisa para que os alunos(as) parassem de fazer mal aos outros?				
Não sei responder	10	5,1	20	10,3
Nunca	77	38,9	95	48,7
Quase nunca	46	23,2	30	15,4
Às vezes	39	19,7	33	16,9
Muitas vezes	26	13,1	17	8,7
Total	198	100%	195	100%

*N: número de participantes; % frequência.

Fonte das tabelas: dados da pesquisa

Tabela 9- Número de vezes em que os alunos ficaram sozinhos porque os colegas não queriam a sua companhia

Quantas vezes você ficou sozinho(a), porque os outros alunos não queriam a sua companhia?	MENINOS		MENINAS		χ^2	p
	N	%	N	%		
Nunca fiquei só	126	63,6	75	38,5	26,037	0,001
Uma ou duas vezes	41	20,7	60	30,7		
Três ou quatro vezes	13	6,6	29	14,9		
Cinco ou mais vezes	18	9,1	31	15,9		
Total	198	100%	195	100%		

*N: número de participantes; % frequência; p: nível de significância ≤ 0.05 ; χ^2 : Teste do qui-quadrado.

Tabela 10- Opinião dos alunos sobre os recreios escolares

Você gosta dos recreios?	MENINOS		MENINAS	
	N	%	N	%
Odeio	4	2,0	3	1,5
Não gosto	3	1,5	6	3,1
Mais ou menos	58	29,3	57	29,2
Gosto	50	25,3	46	23,6
Adoro	83	41,9	83	42,6
Total	198	100%	195	100%

*N: número de participantes; % frequência.

Fonte das tabelas: Dados da pesquisa.

Em relação às situações ocorridas durante os recreios, as meninas em maior número (11,3%) relataram não ter amigos para brincar no recreio quando comparadas aos meninos (4,0%). Dessas informações,

ressalta-se o elevado número tanto de meninos (61,1%) quanto de meninas (76,4%) que afirmam que os alunos só gostam de brincar de lutas e empurrões nos recreios (Tabela 11).

Tabela 11- Situações ocorridas nos recreios escolares

O que acontece no recreio?	MENINOS		MENINAS		χ^2	p
	N	%	N	%		
Andam atrás de mim para implicar comigo	34	17,2	47	24,1	2,884	0,089
Não posso brincar do que eu gosto	42	21,2	45	23,1	0,198	0,656
Há muitos meninos e meninas, não há espaço para brincar	56	28,3	65	33,3	1,176	0,278
Os outros meninos e/ou meninas só gostam de brincar de lutas e empurrões	121	61,1	149	76,4	10,694	0,001

*N: número de participantes; % frequência; p: nível de significância ≤ 0.05 ; χ^2 : Teste do qui-quadrado.

Fonte: Dados da pesquisa.

Por fim, conforme as respostas dos alunos, os mesmos foram classificados quanto ao papel assumido perante o *bullying* escolar: não participa (70,0%); vítima (17,0%); agressor (8,1%); e vítima-agressora (4,9%).

De modo geral, verificou-se que as maiores diferenças foram entre os grupos que não

participam do *bullying* e os agressores quando comparados às vítimas e vítimas-agressoras. As vítimas-agressoras foram as que se mostraram mais dispostas a ajudar como podem um colega que esteja sofrendo agressão ($X=1,63$; $SD=0,50$). Já as vítimas foram as que mais ajudaram mesmo que não conhecessem o colega ($X=1,57$;

SD=0,50), bem como também foram esses dois grupos os que mais relataram a ocorrência da variável “andam atrás de mim para implicar comigo” (X=1,46; SD=0,50; X=1,37; SD=0,50). Em contrapartida, os agressores se diferenciaram dos grupos das vítimas e vítimas-agressoras (X=2,34; SD=1,14; X=2,32; SD=1,29), sendo

os agressores (X=1,47; SD=0,9) aqueles que menos se sentiram sozinhos.

A variável “os outros meninos(as) só gostam de brincar de lutas e empurrões” teve um valor de $p < 0,05$; entretanto, as diferenças entre os grupos não foram sensíveis ao Post Hoc de Duncan (Tabela 12).

Tabela 12- Diferenças entre os grupos não participa do *bullying*, vítimas, agressores e vítimas-agressoras

O que você faz quando vê alguém fazendo mal a um aluno(a) da sua idade?	NÃO PARTICIPA	VÍTIMA	AGRESSOR	VÍTIMA-AGRESSORA	F	p
	X(SD)	X(SD)	X(SD)	X(SD)		
Tento ajudar como posso	1,31(0,46) ^a	1,54(0,50)	1,34(0,48)	1,63(0,50) ^b	6,016	0,001
Ajudo mesmo que não conheça a pessoa	1,34(0,47) ^a	1,57(0,50) ^b	1,31(0,47) ^a	1,47(0,51)	4,492	0,004
Quantas vezes você ficou sozinho(a), porque os outros alunos(as) não queriam a sua companhia?	1,73(0,97) ^a	2,34(1,14) ^b	1,47(0,91) ^a	2,32(1,29) ^b	9,295	0,001
O que acontece no recreio?						
Não tenho amigos(as) para brincar	1,06(0,23)	1,16(0,37) ^a	1,03(0,18) ^b	1,11(0,31)	3,304	0,020
Andam atrás de mim para implicar comigo	1,13(0,34) ^a	1,46(0,50) ^b	1,19(0,40) ^a	1,37(0,50) ^b	14,159	0,001
Os outros meninos(as) só gostam de brincar de lutas e empurrões	1,64(0,48)	1,84(0,37)	1,69(0,47)	1,79(0,42)	3,467	0,016

*X: média; SD: Desvio padrão; a-b: Post Hoc de Duncan; F: One-Way Anova; p: nível de significância $\leq 0,05$.

Fonte: Dados da pesquisa.

Discussão

Nesta pesquisa, verificou-se que o percentual das meninas foi maior do que os meninos no que tange ser vítima de *bullying*, mas não foi encontrada associação entre o número de vezes que foram vítimas e os sexos. Apesar da maioria dos estudos encontrarem os meninos como mais vítimas, (BRANNON, 1999; CARVALHOSA; LIMA; MATOS, 2001; PEREIRA et al., 2004; CHANG et al., 2013; OBRDALJ et al., 2013; YANG et al., 2013), no estudo de Kubwalo et al. (2013), encontrou-se a mesma probabilidade entre os sexos e, nos estudos de Bentley e Li (1996) e Baldry (2003), mais meninas na situação de vitimização. Essa informação pode ser consequência de uma maior auto-honestidade das meninas em relação aos meninos

(LEWIS et al., 2013), principalmente pelo fato de os estereótipos de masculinidade coibirem, desde cedo, a demonstração de fragilidade dos homens, e de as mulheres encontram maior suporte social nesse aspecto em todas as idades (BRANNON, 1999).

Outra hipótese sustentada pela literatura é a de que as diferenças entre os sexos tendem a diminuir quando se leva em consideração os diferentes tipos de agressões (IANNOTTI; NANSEL, 2009; WANG; IANNOTTI; LUK, 2012). Diversos estudos indicam que meninas estão mais envolvidas em agressões indiretas, ou então em agressões diretas verbais (BANDURA; ROSS; ROSS, 1961; CAIRNS et al., 1989; CRICK; GROTPETER, 1995; BRANNON, 1999; SMITH, 2004; FRISÉN; JONSSON; PERSSON, 2007; WANG; IANNOTTI; NANSEL, 2009), o

que vai ao encontro dos dados encontrados neste estudo. Segundo Obrdalj et al. (2013), os homens sentem maior necessidade psicológica de demonstrar força física, a qual, aliada aos fatores biológicos, como tamanho e força, e a fatores sociais, como maior probabilidade de possuir armas e maior encorajamento por parte dos pais, faz com que estejam mais propensos a usar a agressão física, causando sérios danos e violando as leis (BRANNON, 1999).

Contudo, a vitimização mais prevalente ocorreu com agressões verbais, principalmente entre as meninas, como encontrado também nos estudos de Wang, Iannotti e Nansel (2009) nos Estados Unidos, os de Vieno, Gini, e Santinello (2011) na Itália, e os de Chang et al. (2013) em Taiwan. Em contrapartida, nesses mesmos estudos, o *cyber bullying* foi bastante significativo, estando presente entre 13% a 19% dos participantes envolvidos neste tipo de comportamento, e sendo mais prevalente inclusive do que a vitimização étnica, o que não corresponde com a realidade dos participantes do atual estudo, no qual apenas 1,5% dos meninos e 1,0% das meninas relataram sofrer bullying pelos meios virtuais. Isso pode se dar principalmente pelas condições sociais destas crianças e adolescentes de alta vulnerabilidade, as quais têm pouco ou nenhum acesso a esses meios.

Os diversos tipos de *bullying* podem ocorrer dentro de todo o ambiente escolar e suas imediações, principalmente nos espaços e tempos livres dos alunos (LOURENÇO; PEREIRA, 2009). Neste estudo, verificou-se que as vitimizações ocorrem principalmente nas salas de aulas, nos recreios, nas aulas de Educação Física ou espaços destinados para tal e na saída da escola. Esses achados confirmam os dados de Salmivalli, Voeten e Poskiparta (2011), que também apontam a sala de aula como o principal local de ocorrência de *bullying*, talvez pelo tempo em que os alunos permanecem neste ambiente. Diversos estudos também vêm indicando um elevado número de agressões ocorridas nos espaços e nas aulas de Educação Física (FAITH ET AL., 2002; VAILLANCOURT ET AL., 2010; MELIM; PEREIRA, 2013; PUHL; KING, 2013). Isso reforça a importância do envolvimento

dos professores de Educação Física, juntamente com todos os participantes do ambiente escolar, no combate ao *bullying*, pois a vitimização está fortemente relacionada com a falta de exercícios físicos e um estilo de vida sedentário na idade adulta (GRAY ET AL., 2008; PETERSON; PUHL; LUEDICKE, 2012; STANKOV; OLDS; CARGO, 2012; ROMAN; TAYLOR, 2013). Assim, as comunidades escolares devem se preocupar em desenvolver ambientes físicos e sociais seguros e implementar propostas que ajudem os alunos a aprender sobre e adotar escolhas saudáveis (LEVASSEUR; KELVIN; GROSSKOPF, 2013; ROMAN; TAYLOR, 2013).

No presente estudo, segundo relatos dos alunos vitimizados, os alunos agressores eram da mesma sala e mais velhos que a vítima. Esses achados foram semelhantes aos de Raimundo e Seixas (2009), que salientam a manutenção da desigualdade de poder, característica do *bullying*, pelo *status* social no seio da turma e fatores físicos relacionados à maior idade, como tamanho e força física. Apesar de Carvalhosa, Lima e Matos (2001) encontraram que os agressores, além de serem alunos mais velhos, também eram de anos escolares superiores, os dados reforçam a ideia de abuso de poder, impossibilitando a defesa da vítima (SALMIVALLI, 1997). Vale ressaltar que o fato, encontrado na presente pesquisa, de que alunos mais velhos frequentaram a mesma turma de alunos mais novos é bastante comum em escolas de perfil de alta vulnerabilidade social, nas quais os alunos apresentam um elevado índice de distorção idade/série, em função das inúmeras reprovações.

Os alunos também indicaram que as pessoas mais próximas a quem eles contam sobre as agressões sofridas são os pais ou responsáveis, mas as meninas os procuram em maior número que os meninos. Isso destaca novamente o maior suporte social dado às meninas e o sentimento de insegurança dos meninos em contar que foram vitimizados, o que colocaria em risco sua masculinidade estereotipada, muitas vezes reforçada pelos pais (BRANNON, 1999). Destaca-se ainda que, no atual estudo, muitos alunos vitimizados

não contaram a ninguém sobre as agressões sofridas, bem como não tiveram ninguém que os defendesse, e salienta-se o quão carentes de apoio são essas crianças e adolescentes de alta vulnerabilidade social (KUBWALO et al., 2013). Entretanto, no que tange a defender outros colegas de agressões, verificou-se que os dados desta pesquisa condizem com a literatura (RIGBY; SLEE, 1991; SALMIVALLI et al., 1996), apontando as meninas como mais defensoras das vítimas do que os meninos, que se apresentam muitas vezes como espectadores que incentivam a violência por parte dos agressores.

Nas questões relacionadas a ser um agressor e a se juntar ao grupo para cometer *bullying*, não houve diferenças entre as frequências esperadas e observadas com relação ao sexo. Contudo, os meninos tiveram uma maior porcentagem em relação às meninas, como também encontrado em outros estudos (WOLKE et al., 2001; SEALS; YOUNG, 2003; OBRDALJ et al., 2013). Em contrapartida, apesar dessa necessidade dos homens de demonstrar maior agressividade, que pode ser explicada pela evolução humana, Cairns et al. (1989) indicam que em média as meninas podem apresentar um comportamento menos agressivo que os meninos. Entretanto, quando muito agressivas, as crianças tendem a ser semelhantes entre si independente do sexo. Esse fato vai ao encontro do estudo de Brannon (1999), no qual a autora evidencia que, mesmo em contextos extremamente violentos, ambos os sexos fazem uso da violência para alcançar seus objetivos, mas, de modo geral, os objetivos de homens e mulheres são distintos entre si.

Com relação à participação dos professores e funcionários no *bullying* escolar, verificou-se que os alunos relataram desrespeitar mais vezes os professores, sendo estes também os que mais intervieram em situações de violência quando comparados aos funcionários, dados que vão de encontro aos de Lourenço e Pereira (2009), em que os funcionários foram mais interventores. No entanto, informações bastante preocupantes foram encontradas nesta pesquisa, na qual boa parte dos alunos relataram que professores (47,0%) e funcionários (63,0%) nunca ou

quase nunca fazem nada para impedir que um aluno agrida o outro, favorecendo dessa forma a ocorrência de *bullying*, que se dá não apenas pela inexistência de intervenção ou supervisão (ainda que mínima) de pessoas adultas responsáveis pela organização e estruturação dos educandos, mas também pelas fracas relações entre alunos e professores (WALKER; GRESHAM, 1997; LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003; JALÓN; ARIAS, 2013; NYGREN et al., 2013; ROCHA; COSTA; PASSOS NETO, 2013). Esse fato destaca a importância da presença mais forte do professor e de todos os envolvidos no ambiente escolar, não somente na sala de aula, para que assim seja possível garantir maior segurança aos alunos (OLWEUS, 1993; PEREIRA, 2008; LOURENÇO; PEREIRA, 2009).

Já em relação aos recreios, observou-se que as meninas relataram mais vezes ficarem sozinhas ou não terem amigos para brincar, quando comparadas aos meninos. Esse fato pode estar relacionado ao maior percentual de meninas que se declararam vítimas de *bullying*, tendo em vista que estudos indicam a solidão e a falta de amigos íntimos como fatores de risco para ser intimidado na escola (LISBOA, 2005; KUBWALO et al., 2013). Esses fatores somados a um amplo ambiente escolar, pouca supervisão e intervenção de professores e funcionários, e poucas opções de materiais e jogos, podem ter se refletido no grande percentual de alunos que só sabem brincar de lutas e empurrões durante o recreio. Essas práticas muitas vezes são utilizadas pelos alunos mais aptos e vigorosos como forma de demonstrar maior *status*, excluindo, por conseguinte, aqueles alunos que não se sobressaem relativamente às suas habilidades para os chamados jogos dominantes (HIGGINS, 1994). Isso também explicaria as diferenças entre os papéis de participação no *bullying*, em que as vítimas relataram ser mais perseguidas e solitárias no recreio, enquanto os agressores foram os que menos se sentiram sozinhos. Esses dados reforçam a ideia de Pinto e Branco (2011) de que o estigma das crianças vítimas de *bullying* mobiliza ações hostis, pois suas características são socialmente marcadas como negativas ou inferiores e, por isso, elas mereciam ser alvo de crueldades.

Considerações finais

O *bullying* é um fenômeno de extrema complexidade e que precisa ser investigado de maneira profunda, para que seja possível compreender suas diversas facetas. Os papéis de participação, os tipos de agressões mais prevalentes e os locais mais utilizados para a prática dessas atitudes violentas são informações indispensáveis quando se tenta buscar alternativas de redução para tais comportamentos. Por isso, este estudo teve o objetivo de descrever como ocorre o *bullying* em escolas de alta vulnerabilidade social da Grande Florianópolis e os papéis assumidos pelos alunos nesse fenômeno.

Percebeu-se neste estudo que meninos e meninas não se diferenciaram estatisticamente em relação aos papéis de participação no *bullying*. Embora estudos recentes já venham apontando dados semelhantes, a maior parte da literatura contradiz esse achado. Essa informação acaba por sugerir que são necessárias pesquisas mais avançadas que comparem grupos com e sem situações de risco, para verificar se essa condição social pode ter influenciado nessas diferenças entre os sexos, ou então se, de fato, essa mudança de comportamento observada nos últimos anos é uma tendência para a igualdade entre os sexos, inclusive nos papéis de participação no *bullying*.

Além disso, neste estudo, ressaltou-se a fragilidade de crianças e adolescentes vitimizados, que, além de viverem em condições de risco, não encontram suporte social necessário na escola nem por parte dos pares, nem por parte dos

professores e funcionários da mesma. Os resultados indicaram que muitos professores e funcionários ainda são omissos perante esse comportamento violento na escola. Assim, a junção de ambientes espaçosos, mas com pouca supervisão, e crianças ociosas torna essas escolas locais auspiciosos para a prática de *bullying*.

Embora o presente estudo tenha como objetivo apenas descrever o fenômeno em crianças e adolescentes de alta vulnerabilidade social, este apresenta limitações. Como exemplos, tem-se a análise dos dados feita com base em uma única perspectiva, que é a do próprio aluno, por meio do autorrelato e a falta de grupos de outras realidades sociais para possíveis comparações dos resultados.

Contudo, as informações obtidas são de grande importância para o meio acadêmico, tendo em vista que, mesmo sendo um tema bastante abordado, o fenômeno *bullying* ainda precisa ser melhor conhecido, principalmente em diferentes comunidades. Só assim poder-se-á elaborar programas de intervenção mais eficazes, de acordo com as necessidades de cada grupo social. Além disso, os resultados deste estudo sugerem que só com a participação de todos os agentes educativos é que se torna possível combater o *bullying* nas escolas. Sendo assim, o fortalecimento das relações entre a escola e os alunos, e um maior preparo dos professores e funcionários para combater todos os tipos de agressão são extremamente necessários para tentar minimizar os efeitos dos fatores de risco aos quais essas crianças estão expostas e, conseqüentemente, a violência na escola.

Referências

- ALMEIDA, Ana; LISBOA, Carolina.; JESUS CAURCEL, María. ¿Por qué ocurren los malos tratos entre iguales? Explicaciones causales de adolescentes portugueses y brasileños. *Revista Interamericana de Psicología*, v. 41, n. 2, p. 107-118, 2007.
- ANALITIS, Filippou et al. European kidscreen group: being bullied: associated factors in children and adolescents 8-18 years old in 11 European countries. *Pediatrics*, v. 123, p. 569-77, 2009.
- AGATSTON, Patricia; KOWALSKI, Robin; LIMBER, Susan. Students' perspectives on cyber bullying. *Journal of Adolescent Health*, v. 41, n. 6, Suppl 1, p. S59-60, Dec 2007. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18047946>>. Acesso em: 2014.
- ANTUNES, Deborah Christina et al. Do *bullying* ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Psicologia & Sociedade*, v. 20, n. 1, p. 33-42, 2008.
- BALDRY, Anna. Bullying in schools and exposure to domestic violence. *Child Abuse and Neglect*, v. 27, n. 7, p. 713-32, July 2003. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/14627075>>. Acesso em: 2014.
- BANDURA, Albert; ROSS, Dorothea; ROSS, Sheila. Transmission of aggression through imitation of aggressive models. Educational Psychology in Context. Readings for Future Teachers, p. 57-66, 2006. First published in *Journal of Abnormal and Social Psychology*, v. 63, p. 575-582, Nov.

1961. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/13864605>>. Acesso em: 2014.

BENTLEY, Karen M.; LI, Anita K. F. Bully and victim problems in elementary schools and students' beliefs about aggression. **Canadian Journal of School Psychology**, v. 11, n. 2, p. 153-165, 1996.

BJORKQVIST, Kaj; ÖSTERMAN, Karin; KAUKAINEN, Ari. The development of direct and indirect aggressive strategies in males and females. In: BJORKQVIST, Kaj; NIEMELA, Pirkko (Ed.). **Of mice and women: aspects of female aggression**. San Diego: Academic Press, 1992.

BRANNON, Linda. **Gender: psychological perspectives**. Boston: Allyn and Bacon, 1999.

CAIRNS, Robert et al. Growth and aggression: I childhood to early adolescence. **Developmental Psychology**, v. 25, p. 320-30, 1989.

CARLYLE, Kellie; STEINMAN, Kenneth. Demographic differences in the prevalence, co-occurrence, and correlates of adolescent bullying at school. **Journal of School Health**, v. 77, n. 9, p. 623-629, Nov 2007. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17970866>>. Acesso em: 2014.

CARVALHOSA, Susana; LIMA, Luísa; MATOS, Margarida Gaspar. Bullying – a provocação/vitimização entre pares no contexto escolar português. **Análise Psicológica**, v. 4, n. 19, p. 523-37, 2001.

CHANG, Fong-Ching et al. Relationships among cyberbullying, school bullying, and mental health in Taiwanese adolescents. **Journal of School Health**, v. 83, n. 6, p. 454-462, Jun 2013. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23586891>>. Acesso em: 2014.

CHIBBARO, Julia. School counselors and the cyberbully: interventions and implications. **Professional School Counseling**, v. 1, n. 11, p. 65-68, 2007.

CODO, Wanderley. [Resenha]. In: CODO, Wanderley (Org.). **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006.

COSTA, Paulo Jorge; PEREIRA, Beatriz. O bullying na escola: a prevalência e o sucesso escolar. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL "CONTRIBUTOS DA PSICOLOGIA EM CONTEXTOS EDUCATIVOS", 1. 2010, Braga. **Seminário...** Braga: Universidade do Minho, 2010.

CRAIG, Wendy et al. A cross-national profile of bullying and victimization among adolescents in 40 countries. **International Journal of Public Health**, v. 54, n. 2, p. 216-224, 2009. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19623475>>. Acesso em: 2014.

CRICK, Nicki; GROTPETER, Jennifer. Relational aggression, gender, and social-psychological adjustment. **Child Development**, v. 66, n. 3, p. 710-22, June 1995. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7789197>>. Acesso em: 2014.

CUNHA, Josafá; WEBER, Lúcia. O bullying como desafio contemporâneo: vitimização entre pares nas escolas: uma breve introdução. In: PARANÁ. Secretaria do Estado da Educação (Ed.). **Enfrentamento à violência na escola**. Curitiba: SEED, 2010. p. 172.

CRUZ, Daniel Marinho Cezar; SILVA, Juliana Testa; ALVES, Heliana Castro Evidências sobre violência e deficiência: implicações para futuras pesquisas. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 13, n. 1, p. 131-46, 2007.

EPELAGE, Dorothy et al. The impact of a middle school program to reduce aggression, victimization, and sexual violence. **Journal of Adolescent Health**, v. 53, n. 2, p. 180-186, 2013. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23643338>>. Acesso em: 2014.

FAITH, Myles et al. Weight criticism during physical activity, coping skills, and reported physical activity in children. **Pediatrics**, v. 110, n. 2, pt 1, p. E23, Aug. 2002. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12165622>>. Acesso em: 2014.

FREIRE, Isabel; SIMÃO, Ana Veiga; FERREIRA, Ana. O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico: um questionário aferido para a população escolar portuguesa. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 19, n. 2, p. 157-83, 2006.

FRISÉN, Ann; JONSSON, Anna-Karin; PERSSON, Camilla. Adolescents' perception of bullying: who is the victim? Who is the bully? What can be done to stop bullying? **Adolescence San Diego**, v. 42, n. 168, p. 749-61, 2007. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18229509>>. Acesso em: 2014.

GOWER, Amy; BOROWSKY, Iris. Associations between frequency of bullying involvement and adjustment in adolescence. **Academic Pediatrics**, v. 13, n. 3, p. 214-221, May/June 2013. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23680340>>. Acesso em: 2014.

GRAY, Wendy et al. The impact of peer victimization, parent distress and child depression on barrier formation and physical activity in overweight youth. **Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics**, v. 29, n. 1, p. 26-33, 2008. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18300722>>. Acesso em: 2014.

HENRY, Kimberly et al. The potential role of meaning in life in the relationship between bullying victimization and suicidal ideation. **Journal of Youth and Adolescence**, May 2013. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23695412>>. Acesso em: 2014.

HIGGINS, Catherine. How to improve the school ground environment as an antibullying strategy. In: SHARP, Sonia; SMITH, Peter (Ed.). **Tackling bullying in your school**. London: Routledge, 1994. p. 133-73.

HOLT, Melissa K.; FINKELHOR, David; KANTOR, Glenda Kaufman. Multiple victimization experiences of urban elementary school students: associations with psychosocial functioning and academic performance. **Child Abuse & Neglect**, v. 31, n. 5, p. 503-515, 2007.

JALÓN, María José Díaz-Aguado; ARIAS, Rosario Martínez. Peer bullying and disruption-coercion escalations in student-teacher relationship. **Psicothema**, v. 25, n. 2, p. 206-213, 2013. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23628535>>. Acesso em: 2014.

JUNGER, Marianne. Intergroup bullying and racial harassment in the Netherlands. **Sociology and Social Research**, v. 74, n. 2, p. 65-72, 1990.

- KING, Alan et al. **The health of youth: a cross-national survey.** Quebec: World Health Organization, 1996.
- KUBWALO, Hudson et al. Prevalence and correlates of being bullied among in-school adolescents in Malawi: results from the 2009 Global School-Based Health Survey. **Malawi Med J**, v. 25, n. 1, p. 12-14, Mar 2013. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23717749>>. Acesso em: 2014.
- LEVASSEUR, Michael; KELVIN, Elizabeth; GROSSKOPF, Nicholas. Intersecting identities and the association between bullying and suicide attempt among new york city youths: results from the 2009 new york city youth risk behavior survey. **American Journal of Public Health**, v. 103, n. 6, p. 1082-1089, 2013. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23597376>>. Acesso em: 2014.
- LEWIS, Kendra et al. Problem behavior and urban, low-income youth: a randomized controlled trial of positive action in chicago. **American Journal of Preventive Medicine**, v. 44, n. 6, p. 622-630, June 2013. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23683980>>. Acesso em: 2014.
- LISBOA, Carolina Saraiva. **Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar: fatores de risco e proteção.** 2005. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- LOPES NETO, Aramis. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.
- LOPES NETO, Aramis; SAAVEDRA, Lúcia Helena. **Diga não ao bullying: Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes.** Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2003.
- LOUIS, Kenneth et al. Experiência e relato pessoal sobre pesquisa de cooperação internacional - Brasil, Bulgária e Turquia - que avalia as atitudes em relação à gagueira. **Pró-Fono**, v. 17, n. 3, p. 413-16, 2005.
- LOURENÇO, Lélío Moura; PEREIRA, Beatriz Oliveira. **A gestão educacional e o bullying: um estudo em escolas portuguesas.** *Interacções*, n. 13, p. 208-228, 2009.
- LYZNICKI, James; MCCAFFREE, Mary Anne; ROBINOWITZ, Carolyn. Childhood bullying: implications for physicians. **American Family Physician**, v. 70, n. 9, p. 1723-1728, Nov. 2004. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15554490>>. Acesso em: 2014.
- MAGKLARA, Konstantina et al. Bullying behaviour in schools, socioeconomic position and psychiatric morbidity: a cross-sectional study in late adolescents in Greece. **Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health**, v. 6, n. 8, p. 2-13, 2012.
- MATOS, Margarida et al. **Violência, bullying e delinquência, gestão de problemas de saúde em meio escolar.** Lisboa: Coisas de Ler, 2009.
- MCGRATH, Mary. **School bullying: tools for avoiding harm and liability.** Thousand Oaks: Corwin Press, 2007.
- MELIM, Fernando Marcelo Ornelas; PEREIRA, Beatriz Oliveira. Prática desportiva, um meio de prevenção do bullying na escola? **Movimento**, v. 19, n. 2, p. 55-77, 2013.
- MÉNDEZ, Raquela Lucas Platero. Maricon el último: docentes que actuamos ante el acoso escolar en el instituto. **Revista D'Estudis De La Violència**, n. 3, 2007.
- MÉNDEZ, Raquel Lucas Platero; CETO, Emilio Gómez. **Herramientas para combatir el bullying homofóbico.** Madrid: Talasa, 2007.
- NYGREN, Karina et al. Adolescent self-reported health in relation to school factors: a multilevel analysis. **The Journal of School Nursing**, May 2013. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23674554>>. Acesso em: 2014.
- OBRODALJ, Edita Cerni et al. Trauma symptoms in pupils involved in school bullying: a cross sectional study conducted in Mostar, Bosnia and Herzegovina. **Collegium Antropologicum**, v. 37, n. 1, p. 11-16, Mar 2013. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23697244>>. Acesso em: 2014.
- OLIVEIRA, Juliana Célia; BARBOSA, Altemir José Gonçalves. Bullying entre estudantes com e sem características de dotação e talento. **Psicologia: v. 25, p. 747-755, 2012.**
- OLWEUS, Dan. **Agression in the schools: bullies and whipping boys.** Washington: Hemisphere, 1978.
- OLWEUS, Dan. **Bullying at school: what we know and what we can do.** Oxford: Blackwell, 1993.
- PAN, Stephen; SPITTAL, Patricia. Health effects of perceived racial and religious bullying among urban adolescents in China: a cross-sectional national study. **Glob Public Health**, May 2013. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23713464>>. Acesso em: 2014.
- PATRICK, Donald et al. Bullying and quality of life in youths perceived as gay, lesbian, or bisexual in Washington state, 2010. **American Journal of Public Health**, v. 103, n. 7, p. 1255-1261, July 2013. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23678925>>. Acesso em: 2014.
- PEGUERO, Anthony. Bullying victimization and extracurricular activity. **Journal of School Violence**, v. 7, n. 3, p. 71-85, 2008.
- PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2008.
- PEREIRA, Beatriz Oliveira et al. Bullying in portuguese schools. **School Psychology International**, v. 25, n. 2, p. 207-222, 2004.
- PERREN, Sonja; STADELMANN, Stephanie; KLITZING, Kai Von. Child and family characteristics as risk factors for peer victimization in kindergarten.

Schweizerische Zeitschrift für Bildungswissenschaften, v. 31, n. 1, p. 13-32, 2009.

PETERSON, Jamie Lee; PUHL, Rebecca M.; LUEDICKE, Joerg. An experimental assessment of physical educators' expectations and attitudes: the importance of student weight and gender. **Journal of School Health**, v. 82, n. 9, p. 432-440, Sep. 2012. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22882107>>. Acesso em: 2014.

PIEDRA, Rodríguez; LAGO, Seoane; MASSA, Pedreira. Crianças contra crianças: o bullying, uma perturbação emergente. **Anales de Pediatría**, v. 64, n. 2, p. 162-166, 2006.

PINTO, Raquel Gomes; BRANCO, Angela Maria Cristina Uchoa de Abreu. O bullying na perspectiva sociocultural construtivista. **Revista Teoria e Prática da Educação**, v. 14, n. 3, p. 87-95, 2011.

PUHL, Rebecca; KING, Kelly. **Weight discrimination and bullying. Best Practice and Research Clinical Endocrinology & Metabolism**, v. 27, n. 2, p. 117-127, Apr. 2013. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23731874>>. Acesso em: 2014.

RAIMUNDO, Raquela; SEIXAS, Sónia. Comportamentos de bullying no 1º ciclo: estudo de caso numa escola de Lisboa. **Interacções**, n. 13, p. 164-86, 2009.

REIJNTJES, Albert et al. Costs and benefits of bullying in the context of the peer group: a three wave longitudinal analysis. **Journal of Abnormal Child Psychology**, May 2013. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23686239>>. Acesso em: 2014.

RIGBY, Ken; SLEE, Phillip. Bullying among Australian school children: reported behavior and attitudes toward victims. **Journal of Social Psychology**, v. 131, n. 5, p. 615-627, 1991. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/1798296>>. Acesso em: 2014.

RIVERS, Ian. Recollections of bullying at school and their long-term implications for lesbians, gay men, and bisexuals. **Hogrefe & Huber Publishers**, v. 25, n. 4, p. 169-75, 2004.

ROCHA, Moana Oliveira; COSTA, Carmen Lucia; PASSOS NETO, Irazano. Bullying e o papel da sociedade. **Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais**, v. 1, n. 16, p. 191-199, 2013.

ROMAN, Caterina; TAYLOR, Caitlin. A multilevel assessment of school climate, bullying victimization, and physical activity. **Journal of School Health**, v. 83, n. 6, p. 400-407, June 2013. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23586884>>. Acesso em: 2014.

RUNYON, Melissa et al. Etiology and surveillance in child maltreatment. In: LUTZKER, John R. (Ed.). **Preventing violence: research and evidence-based intervention strategies**. Washington: APA, 2006. p. 23-48.

SALMIVALLI, Christina; VOETEN, Marinus; POSKIPARTA, Elisa. Bystanders matter: associations between reinforcing, defending, and the frequency of bullying behavior in classrooms. **Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology**, v. 40, n. 5, p. 668-676, 2011. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21916686>>. Acesso em: 2014.

SALMIVALLI, Christina; VOETEN, Marinus. Connections between attitudes, group norms, and behaviour in bullying situations. **International Journal of Behavioral Development**, v. 28, n. 3, p. 246-258, 2004.

SALMIVALLI, Christina et al. Bullying as a group process: participant roles and their relations to socialstatus within the group. **Aggressive Behavior**, v. 22, p. 1-15, 1996.

SANTOS, Miguel Ângelo Nascimento dos. **O impacto do bullying na escola**. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Trabalho de conclusão de graduação.

SCHRECK, Christopher J.; MILLER, J. Mitchell; GIBSON, Chris L. Trouble in the school yard: a study of the risk factors of victimization at school. **Crime & Delinquency**, v. 49, n. 3, p. 460-484, 2003.

SEALS, Dorothy; YOUNG, Jerry. Bullying and victimization: prevalence and relationship to gender, grade level, ethnicity, self-esteem, and depression. **Adolescence**, v. 38, n. 152, p. 735-747, 2003. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/15053498>>. Acesso em: 2014.

SENRA, Luciana Xavier; LOURENÇO, Lélío Moura; PEREIRA, Beatriz Oliveira. Características da relação entre violência doméstica e bullying: revisão sistemática da literatura. **Gerais**, v. 4, n. 2, p. 297-309, 2011.

SHARP, Sonia; THOMPSON, David. Sources of stress: a contrast between pupil perspectives and pastoral teachers' perspectives. **School Psychology International**, v. 13, p. 229-241, 1992.

SILVA, Marta Angelica; PEREIRA, Beatriz. A violência como fator de vulnerabilidade na ótica de adolescentes escolares. In: BONITO, Jorge (Org.). **Educação para a saúde no século XXI: teorias, modelos e práticas**. Évora: CIEP, 2008.

SMITH, Peter. Bullying: recent developments. **Child and Adolescent Mental Health**, v. 9, n. 3, p. 98-103, 2004.

SMITH, Peter; MADSEN, Kirsten. Action against bullying. In: MEETINGS OF THE INTERNATIONAL SOCIETY ON THE STUDY OF BEHAVIOURAL DEVELOPMENT, 14., 1996, Quebec. **XIV meetings...** Quebec: [s. n.], 1996.

SMITH, Peter; SHARP, Sonia. **School bullying: insights and perspectives**. London: New York: Routledge, 1994.

SMITH, Peter; ANANIADOU, Katerina; COWIE, Helen. Interventions to reduce school bullying. **Canadian Journal of Psychiatry**, v. 48, n. 9, p. 591-599, 2003. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/14631879>>. Acesso em: 2014.

SMITH, Peter et al. Cyberbullying: its nature and impact in secondary school pupils. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 49, n. 4, p. 376-385, Apr. 2008. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18363945>>. Acesso em: 2014.

SPENCE, Susan; MATOS, Maria. Intervenções preventivas com crianças e adolescentes. In: MATOS, Maria et al. (Ed.). **Desenvolvimento de competências de vida na prevenção do desajustamento social**. Lisboa: IRS/MJ, 2000.

STANKOV, Ivana; OLDS, Timothy; CARGO, Margaret. Overweight and obese adolescents: what turns them off physical activity? **International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity**, v. 9, p. 53, 2012. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22554016>>. Acesso em: 2014.

STONE, Susan; HAN, Meekyung. Perceived school environments, perceived discrimination, and school performance among children of Mexican immigrants. **Children and Youth Services Review**, v. 27, p. 51-66, 2005.

STRAUSS, Richard; POLLACK, Harold. Social marginalization of overweight children. **Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine**, v. 157, p. 746-775, 2003.

TSANG, Sandra; HUI, Eadaoin; LAW, Bella. Bystander position taking in school bullying: the role of positive identity, self-efficacy, and self-determination. **Scientific World Journal**, v. 11, p. 2278-2286, 2011. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22194663>>. Acesso em: 2014.

VAILLANCOURT, Tracy et al. Places to avoid: population-based study of student reports of unsafe and high bullying areas at school. **Canadian Journal of School Psychology**, v. 25, n. 1, p. 40-54, 2010.

VIENO, Alessio; GINI, Gianluca; SANTINELLO, Massimo. Different forms of bullying and their association to smoking and drinking behavior in Italian adolescents. **Journal of School Health**, v. 81, n. 7, p. 393-399, 2011. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21668879>>. Acesso em: 2014.

WALKER, Hill; GRESHAM, Frank. Making schools safer and violence free. **Intervention in School and Clinic**, v. 32, n. 4, p. 199-204, 1997.

WANG, Jing; IANNOTTI, Ronald; LUK, Jeremy. Patterns of adolescent bullying behaviors: physical, verbal, exclusion, rumor, and cyber. **Journal of School Psychology**, v. 50, n. 4, p. 521-534, 2012. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22710019>>. Acesso: 2014.

WANG, Jing; IANNOTTI, Ronald; NANSEL, Tonja. School bullying among adolescents in the United States: physical, verbal, relational, and cyber. **Journal of Adolescent Health**, v. 45, n. 4, p. 368-375, 2009. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19766941>>. Acesso: 2014.

WOLAK, Janis; MITCHELL, Kimberly; FINKELHOR, David. Does online harassment constitute bullying? An exploration of online harassment by known peers and online-only contacts. **Journal of Adolescent Health**, v. 41, n. 6 Suppl 1, p. S51-58, Dec. 2007. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18047945>>. Acesso em: 2014.

WOLKE, Dieter et al. Bullying and victimization of primary school children in England and Germany: prevalence and school factors. **British Journal of Psychology**, v. 92, n. 4, p. 673-696, 2001. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11762868>>. Acesso em: 2014.

WONG, Dennis et al. School bullying among Hong Kong Chinese primary school children. **Youth and Society**, v. 40, n. 1, p. 35-54, 2008.

YANG, Su-Jin et al. Differences in predictors of traditional and cyber-bullying: a 2-year longitudinal study in Korean school children. **European Child & Adolescent Psychiatry**, v. 22, n. 5, p. 309-318, May 2013. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23640732>>. Acesso em: 2014.

Recebido em: 26.07.2014

Aprovado em: 09.12.2014

Marcela Almeida Zequinão é doutoranda em estudos da criança, com especialidade em educação física, lazer e recreação, na Universidade do Minho, Portugal.

Pâmella de Medeiros é mestranda em ciências do movimento humano pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Beatriz Pereira é professora Ph.D do Instituto de Educação da Universidade do Minho, Portugal.

Fernando Luiz Cardoso é professor Ph.D. do Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).